

## OLHARES EM FOCO: A LINGUAGEM DO CINEMA COMO POSSIBILIDADES OUTRAS NA PANDEMIA

Carlos Eduardo da Silva<sup>1</sup>  
Bianca Martins Santos<sup>2</sup>

### Resumo

O trabalho apresenta a proposta de uma eletiva de artes no tema “Olhares em foco: cinema na escola” e o relato sobre a prática docente em duas edições consecutivas desta eletiva realizada em uma escola pública de Rio Branco/Acre, para alunos e alunas da primeira série do “novo” ensino médio, como forma de promover a reflexão crítica da realidade através da experiência do cinema. São tecidas algumas discussões acerca do papel do cinema na sociedade, a linguagem artística como viabilizadora de humanidades e a articulação entre cinema, escola, currículo e formação. Como resultado, destacamos a eletiva e as obras produzidas pelos estudantes. Ao final, apontamos que é possível considerar a linguagem do cinema como uma ferramenta que destaca as dimensões estéticas das obras, os atravessamentos culturais e artísticos como construção criativa e reflexiva na escola de educação básica.

**Palavras-chave:** Linguagem. Artes. Cinema. Educação. Ensino Médio.

## LOOKS IN FOCUS: THE LANGUAGE OF CINEMA AS OTHER POSSIBILITIES IN THE PANDEMIA

### Abstract

The work presents the proposal of an arts elective on the theme "Looks in focus: cinema at school" and the report on the teaching practice in two consecutive editions of this elective held in a public school in Rio Branco/Acre, for students of the first grade of the “new” high school, as a way of promoting a critical reflection of reality through the experience of cinema. Some discussions are made about the role of cinema in society, the artistic language as an enabler of humanities and the articulation between cinema, school, curriculum and training. As a result, we highlight the elective and the works produced by the students. In the end, we point out that it is possible to consider the language of cinema as a tool that highlights the aesthetic dimensions of the works, the cultural and artistic crossings as a creative and reflective construction in the basic education school.

**Keywords:** Language. Arts. Movie theater. Education. High school.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre (UFAC). Professor do quadro efetivo da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes (SEE) do Estado do Acre, na área de Artes/Música. Como pesquisador é atuante com pesquisas voltadas para: a Arte-Educação, Educação Musical, Musica Decolonial, Práticas Criativas, para o Currículo de Formação de Professores de Arte, Práticas de Ensino e Trabalho Docente. ORCID <<http://orcid.org/0000-0001-8973-0437>>. E-mail: [eduardo.artesedu@gmail.com](mailto:eduardo.artesedu@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Física Nuclear Teórica, pelo Instituto de Física, na Universidade Federal Fluminense - I.F.U.F.F. (2015). Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC) na área de física geral e lotada no Centro de Ciências Biológicas e da Natureza (CCBN). Desenvolve projetos de pesquisa, ensino e de extensão na área de ensino de física ou ciências, relacionados diretamente aos temas: jogos didáticos, ensino para estudantes com deficiência visual e mulheres nas ciências; bem como a formação inicial e continuada de professores de física ou ciências. ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-9967-0834>>. E-mail: [bianca8ms@gmail.com](mailto:bianca8ms@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre uma prática docente dentro de uma eletiva realizada em uma escola pública de Rio Branco/Acre no tema “Olhares em foco: cinema na escola”, ministrada a alunos e alunas da primeira série do “novo” ensino médio, como forma de promover a reflexão crítica da realidade através da experiência do cinema, ou seja, por meio de práticas pedagógicas do cinema dentro do contexto da Amazônia ocidental. Buscando estabelecer uma abordagem crítica sobre as possibilidades nas práticas pedagógicas do cinema, que podem influenciar a formação dos discentes envolvidos, assim como os conteúdos, práticas artísticas e culturais. Para tanto, a eletiva proposta e o relato sobre a execução dela partiram do seguinte problema: Qual o papel pedagógico do cinema na escola e seus atravessamentos nas práticas culturais e artísticas?

A princípio, vale destacar uma breve consideração sobre a categoria linguagem apresentada neste estudo, e para isso, considerando o cinema como uma linguagem, destacamos o pressuposto de Bhabha (1998) que ressalta a linguagem como um traço cultural, onde os sujeitos constroem linguagens, saberes e suas práticas. Dentro de uma perspectiva de desconstruir, evidentemente, no campo do debate teórico, e problematizar a visão signa, estrutural, limitada, dicotômica, essencialista, acabada, determinada que a linguagem técnica cinematográfica pode apresentar.

Nesses termos, vejo a necessidade de trilhar “descaminhos” e possibilidades outras que viabilizem a superação da “racionalidade” que busca de forma contínua e reprodutiva a inauguração e reinauguração da destruição de significações “outras” e da própria linguagem, de sujeitos, das subjetividades.

Nesses termos, as possibilidades de se trilhar “descaminhos” com a linguagem do cinema, com as imagens, pressupõe a problematização das imagens, da linguagem e dos “caminhos” que se colocam apenas no viés da técnica e da estrutura. O estudo de Duarte e Alegria (2008) nos apresenta a opção da problematização, do questionamento e da reflexão sobre as lutas, resistências, tensões e contradições ao redor das imagens.

Montón (2009, p. 33), sobre a contradição da era das imagens instalada a partir do século XX, argumenta que a sociedade contemporânea renunciou à educação pelas imagens, em outras palavras, ela se indispôs a dar “os rudimentos mínimos para “ler” as imagens”, acarretando assim em gerações que não compreender o mínimo para se interpretar uma imagem, ficando suscetível a interpretações mecanizadas, tendenciosas e mercadológicas.

Por isso, o sentido de criar e recriar “descaminhos”, parte da premissa de considerar a linguagem do cinema das imagens como produtora de culturas, ou seja, que pertence aos sujeitos produtores de culturas, de saberes, logo, produzem linguagens, criam possibilidades de “ler” a realidade. Nessa perspectiva, pensar o cinema como um meio fundamental de educação nas “dimensões fundamentais da realidade” como destaca Cabrera (2006, p. 20), em outras palavras, como educação sensível, afetiva e crítica da realidade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os pressupostos teóricos embarcados na construção dessa eletiva e no desenvolvimento dela permeia, de forma preliminar, uma crítica ao processo *coisificante* dos sujeitos e da cultura que faz parte dos meandros da industrialização de subjetividades, pelo poder exercido pela classe dominante. O progresso técnico, através da razão instrumental, se apropria das objetividades, subjetividades, e dos corpos dos indivíduos, vinculando-os ao divertimento e ao conformismo e, com isso, revertendo sua singularidade em uma identidade forjada pelo sistema capitalista. Conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 108): “Falar em cultura foi sempre contrário à cultura. O denominador comum ‘cultura’ já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração”.

Zuin (1994), a esse respeito, destaca que a “consolidação da indústria cultural contribuiu para um fato aparentemente paradoxal, ou seja, a reprodução da solidão humana no meio de multidões gigantescas”. Em outras palavras, a indústria cultural tem seu maquinário operante e ativo na anulação das diferenças, eliminando a alteridade, para sobrepor uma identidade produzida pelo mercado. A respeito disso, Adorno e Horkheimer (1985, p. 27): “[...] é pago por elas mesmas ao deixarem que suas propriedades inatas [e, portanto, suas diferenças] sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado [...]”.

Nesse contexto, o lugar da linguagem artística, enquanto viabilizadora de humanidades, se mostra como vertigem, pois a razão instrumentalizada e técnica sobre a arte e suas linguagens cobrem seu sentido e sentidos. Como destacaram Adorno e Horkheimer (1985, p. 28), “a arte teria, primeiro, que mostrar a sua utilidade”, visto seu declínio a um processo de reificação de sentidos.

Vale destacar que a arte e o ensino da arte sofreram grande influência da indústria, reduzindo e esvaziando ainda mais os seus sentidos. Em um tempo de grande crise social, que a indústria cultural obliterou na música, no cinema, na arquitetura, a consciência e a

particularidade por uma totalidade atrofiada pelo mercado. Como elucidam Adorno e Horkheimer (1985, p. 104), é a eminente “atrofia da imaginação e da espontaneidade”.

A arte imitativa era um meio de silenciar a criatividade e a capacidade de invenção. Desse modo, o desenho industrial, de máquinas, da arquitetura civil, assumiu um lugar nos conteúdos de escolas profissionais pelo Brasil, com destaque na região amazônica, pela ascensão da exportação da borracha. Assim, através de uma simbiose entre as influências positivistas e liberal, a arte foi se configurando na direção da industrialização.

A curricularização, na década de 1970, traz todo o ranço de uma trajetória que impulsionou o atrofiamento da criatividade, da espontaneidade, da resistência, que serviu de instrumento de aparelhamento ideológico e conservação de poder, e que agora infla inúmeros problemas na formação docente e no desenvolvimento de jovens e adultos no Brasil. Benjamin (1996) acrescenta ao constatar a causa da atrofia, também, da experiência, elucida que:

[...] cada vez mais frequentemente alastram-se dificuldades numa roda de pessoas, quando o desejo por uma história torna-se patente. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável – a mais assegurada entre as seguras – tivesse sido tomada de nós. Uma causa desse fenômeno é imediatamente visível: a experiência caiu fora de curso (BENJAMIN, 1996, p. 98).

De forma contrária, o cinema na perspectiva de Bergala (2008) segue descolado dessa institucionalização que coloniza, conserva e atrofia a arte no limbo da racionalidade técnica. Argumenta que o cinema, em suas diversas linguagens e como um campo de significações, se qualifica por ser um exercício de alteridade, de criar o novo. Cinema e Educação convergem para além de dualidades, como destaca Migliorin (2013, p. 14), se encontram provocando o abandono da dualidade no ensino e na aprendizagem. Instalando a experiência na “insegurança, estranhamento e instabilidade da criação”. E nessa direção, podem dispor de essências diacríticas e, também, de perfis que não podem ser determinantes ou estabelecer algum sentido, pois sempre estão em movimento.

A dimensão artística, nesse contexto do cinema, é uma constituinte do seu fazer/construir: a “formatividade” — vale destacar a definição que Luigi Pareyson apresenta na obra *Os problemas da estética* — que é “um fazer que seja ao mesmo tempo, invenção do modo fazer [...] um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer” (apud PALLAMIN, 2000, p. 16). Nesse aspecto, o fazer cinema vai além do produto artístico ou da performance, significa auxiliar e contribuir para uma transformação qualitativa dos espaços, causando provocação e ao mesmo tempo assimilação de seus múltiplos significados.

Assim, o que é efêmero, o que é contínuo, o que é fragmentado, pasteurizado e petrificado, são congelados, pois os desdobramentos dos significados do cinema e os modos de

assimilação coletiva, estão impregnados de reflexão e produzem autorreflexão. Vai além de um mero enunciado, como destaca Deleuze (1985), o fator experiencial, nessa perspectiva, se envolve com questões voltadas para a criação e para o novo. Questões que necessitam transpassar professores(as) e alunos(as), ressignificando a ação de ensinar e de aprender para o experimentar. Experimentar, investigar, criar antes de interpretar.

Nesses termos, o cinema ressalta a invenção coletiva, como aponta Migliorin (2013), como um território de compartilhamento de experiências e diálogo no desenvolvimento humano dos(as) estudantes e na formação permanente dos professores e professoras, provocando o "escândalo da democracia", como destaca o autor. Afirmando, assim, a emancipação de todos os envolvidos nesse processo. Argumenta que: "Este é o escândalo da democracia: uma ausência de legitimidade natural que autorize o exercício do poder, que autorize o direito à fala, ao tempo livre ou à experiência sensível" (MIGLIORIN, 2013, p. 15).

Nessa direção, Gabriel (2013) buscou reflexões sobre a articulação entre cinema, escola, currículo e formação, destacando o cinema como um lócus de subversão a proposições que tentam enquadrar a escola, o currículo e a formação em um molde engessamento de subjetividades. A autora ressalta o movimento de diálogo e articulação do currículo com o sentido de cultura que "permite deslocar fronteiras, abrindo outras potencialidades políticas e epistemológicas para pensar esse significante" (GABRIEL, 2013, p. 24). Assim, currículo/escola/cinema/formação, podem se tornar meio de compreensão e assimilação dos processos de subjetivação e objetivação, as relações de poder, e dessa forma, deslocar os sentidos que, a muito tempo, estão impregnados de forma hegemônica nos sujeitos e saberes.

Bergala (2008) acentua a experiência do cinema, no currículo e na formação dos(as) estudantes e professores(as) como uma ação subversiva a visões pedagógicas que trazem em seu caráter o fator hegemônico, colonial e dominante das subjetividades e objetividades. Currículo atravessado por uma abordagem pedagógica do "ponto de vista", ou seja, que remeta a perspectiva, a complexidade, ao diálogo, a crítica, a reflexão e ao gesto criativo. Destaca também que a possibilidade de pensar o cinema pode resultar na construção e experiência na alteridade, por meio de práticas criativas.

A pedagogia da articulação e combinação de fragmentos pressupõe, segundo Bergala (2008), novas experiências e novas perspectivas. E pressupõem, também, a consciência de que essas novas experiências e perspectivas apareçam no descontentamento, instabilidade e inacabamento, que é onde se instala a criatividade (PEREIRA, 2013). Nessa perspectiva, o cinema como arte, provoca o deslocamento dos sujeitos em formação e possibilita a retomada

das subjetividades do pensamento crítico, da reflexão e autorreflexão sobre as múltiplas formas de estar e viver.

Nesse ínterim, em que a arte toma o sentido de questionar os processos e contradições da vida social, ela supera o sentido fetichizante sobre a cultura. Zuin (1994, p. 160) argumenta que “[...] esse é o momento em que a crítica imanente revela seu potencial de negação porque recusa a se subordinar e se harmonizar com as normas e padrões de valores vigentes”. Deste modo, a arte que possui uma criticidade, converte-se em uma espécie de expositora das materialidades, desigualdades e dos conflitos de valores dominantes da sociedade. Como destaca Adorno (1970, p. 340), a arte “Torna-se antissocial através da posição antagonista que adota perante a sociedade e só ocupa tal posição enquanto arte autônoma”.

A força de resistência da arte está na sua crítica, insubordinação e intransigência, que adota perante uma sociedade em contínua degradação. Ela toma um posicionamento de negação propositiva ao determinismo, ou seja, “na arte, é social o seu movimento imanente contra a sociedade, não a sua tomada de posição manifesta [...] o seu encantamento é desencantamento” (ADORNO, 1970, p. 342). Ademais, é um movimento de reflexão crítica e negativa aos processos *coisificantes*, às relações imorais de poder e à colonização de saberes.

A arte que, segundo Pucci (2004), tradicionalmente trazia em si as potencialidades da autonomia e da criatividade foi subvertida pela indústria cultural em consumo e divertimento. No entanto, sua potencialidade crítica, do perverso status quo, é capaz de quebrar o monopólio dessa realidade. Nas palavras de Marcuse (1977, p. 9, tradução nossa): “A verdade da arte reside em seu poder para quebrar o monopólio da realidade estabelecida (ou seja, daqueles que o estabeleceram) para definir o que é real”.

Nesses termos, como compôs Drummond de Andrade: “esta é a magia do tempo. Esta é a colheita particular, que se exprime no cáldo abraço e no beijo, comungante, No acreditar na vida e na doação de vivê-la, em perpétua procura e perpétua criação”, é por meio de uma reconstrução teórica que se pode almejar por tempos melhores. Por meio da linguagem que, segundo Pucci (2004), pode-se reconhecer o semelhante e suas diferenças, bem como, suas peculiaridades e complexidades. Em detrimento a qualquer padronização, ao repetitivo, pois, como destaca Adorno (1975, p. 61), “é somente enquanto linguagem que o similar é capaz de conhecer o similar”.

No contexto da região amazônica, o estudo de Lima e Macedo (2019) são os únicos que apontam questões referentes à arte, na configuração curricular do ensino primário e secundário, no território do Acre. Além disso, destacam o predomínio das tendências positivistas,

matematizadas e a perspectiva industrial por meio dos trabalhos manuais: desenhos e música com o canto orfeônico. Ademais, comentam que era um “processo de difusão e inclusão dos alunos a uma cultura de caráter civilizatória urbana” (LIMA; MACEDO, 2019, p. 144). Ou seja, esse processo tendia para um perverso enquadramento social.

Nesses termos, as práticas pedagógicas do cinema, em outras palavras, as possibilidades de ensino e aprendizagem com a linguagem do cinema, podem potencializar o desenvolvimento do pensamento crítico e autorreflexivo de discentes e docentes, além de, como destaca (FRESQUET, 2013a; 2013b; 2013c), abrir janelas para “desaprender” as formas de preconceito, discriminação e “desvalores” que o contexto pós-moderno de sociedade tenta pasteurizar na educação.

Propor a prática pedagógica do cinema no currículo do ensino médio pressupõe fomentar a ação criativa, de resistência, a todo retrocesso que a “reforma” do ensino médio impôs através da legitimação das assimetrias sociopolíticas, econômicas e culturais abarcadas nessa contrarreforma. Nesse sentido, a experiência de cinema pode, também, ser um meio de desconstruir tendências nas práticas e nos conteúdos artísticos que reproduzem a colonização das objetividades e subjetividade, e com isso, reconstruir conhecimento, criando e recriando novas possibilidades de ver e “transver” o mundo: como diria o poeta Manoel de Barros.

Nessa direção, na premissa de que “não há arte sem transformação” (BRESSION, 2005, p. 22), o limiar entre a arte, representada pela linguagem do cinema e a educação, pode tornar-se um território de potencialização e fertilização de experiências pedagógicas, estéticas e políticas para, como destaca Fresquet (2013b), aprofundar conhecimentos e provocar a consciência de si e do mundo.

### 3 METODOLOGIA

Com base em todos os pressupostos reunidos e comentados até aqui, o trabalho tem por objetivo apresentar e relatar a aplicação de uma eletiva de artes: “Olhares em foco: cinema na escola” para alunos do 1º ano do ensino médio de uma escola pública de Rio Branco/Acre. Projeto incorporado no componente curricular eletiva no currículo do “novo” ensino. A eletiva de artes teve como objetivo desenvolver, através da prática pedagógica do cinema, experiências na linguagem do cinema como gesto criativo, de resistência e hipótese de alteridade, com foco em conceitos como: ponto de vista; ponto de escuta; e pedagogia do fragmento (BERGALA, 2008; FRESQUET, 2013a; 2013b; LEANDRO, 2013; PEREIRA, 2013; DOMINGUES, 2013).

Nesta perspectiva, apresenta-se como resultado a eletiva proposta com as suas respectivas reflexões quanto às contribuições e limitações para o ensino de artes na perspectiva de fomentar discussões sobre o cinema e a literatura na escola de educação básica, observadas durante sua aplicação. E paralelamente, relata-se a experiência didática, as principais discussões contempladas no ambiente de sala de aula, bem como as produções dos alunos. Esta etapa do trabalho se dará pela observação participante, especificamente, na observação e participação no componente curricular.

O estudo de Kvernbekk (2000) destaca que a observação vai além do sentido biológico, e que está baseada na percepção atrelada ao conhecimento teórico do pesquisador ou pesquisadora, potencializando a capacidade de ver na prática. Isto posto, será possível observar os eventos minuciosos, os detalhes das ações, as interações e os efeitos provenientes delas, a rede de significações que essas interações possibilitam, os processos de “mudança”, o compartilhamento de informações, as decisões tomadas e as discussões em aula. Tudo isso com o aporte de gravações das aulas, encontros de planejamento, além das atividades experimentais.

A análise dos dados será, a princípio, por meio da análise microgenética com abordagem qualitativa que vai possibilitar, como destaca o estudo de Barbosa e Vaz (2019), um detalhamento dos processos que geram ou desencadeiam “mudanças”. Fresquet (2013b) comenta que esse método de análise permite um detalhamento em uma escala “micro” de registros de eventos “macro”, com isso, é possível, visando os diálogos, interações e relações, analisar e identificar categorias do “novo”. Nesse sentido, compreender os eventos que cercam o domínio microgenético, tendo em vista uma perspectiva histórico-cultural, e que estão relacionados com os processos de aprendizagem, é fundamental para a assimilação dos caminhos de desenvolvimento dos sujeitos.

## **4 RESULTADOS**

### **4.1 ELETIVA “OLHARES EM FOCO: CINEMA NA ESCOLA”**

A eletiva de artes aqui apresentada foi uma das quatro eletivas ofertadas na escola, a saber, juntamente com as eletivas de matemática, espanhol e inglês. Na proposta do novo ensino médio para rede estadual do Acre, os alunos durante o 1º ano do ensino médio cursam duas eletivas, e cada uma com duração de seis meses. Assim, os alunos escolhem uma eletiva para cursar no primeiro semestre e outra para cursar no segundo semestre, sendo ofertadas no

máximo 40 vagas para cada turma de eletiva. No Quadro 1 está apresentado o detalhamento da eletiva “Olhares em foco: cinema e literatura na escola”.

**Quadro 1.** Planejamento da eletiva “Olhares em foco: cinema na escola”.

<b>Eletiva “Olhares em foco: cinema na escola”</b>	
<b>Objetivo da eletiva</b>	<p>Esta Eletiva se propõe desenvolver a prática e a reflexão sobre o cinema, a literatura, a experimentação e a intervenção artística, visando o desenvolvimento do conhecimento social, ético e humano, tanto quanto o conhecimento técnico – que está entranhado nessas linguagens.</p> <p>Este projeto propõe a criação de intervenções artísticas no espaço da comunidade escolar, por meio do estudo de diferentes formas de intervenção no espaço público, interagindo com perspectivas do cinema experimental e da literatura como fonte poética para análise e reflexão crítica sobre a realidade, com o foco na realidade e contextos atuais.</p>
<b>Justificativa</b>	<p>Para participar da sociedade da informação, os(as) estudantes necessitam de se apropriar cada vez mais de conhecimentos e habilidades que os(as) permitam acessar, selecionar, processar, analisar e utilizar dados, de forma crítica, sobre os mais diferentes assuntos, seja para compreender e intervir na sua realidade, seja para lidar de forma reflexiva e propositiva com a quantidade cada vez maior de informações.</p> <p>Nesse sentido, nossa relação com a escola diante do contexto pandêmico e pós-pandêmico, nos convida a refletir sobre esse espaço escolar, de múltiplas dimensões, para poder compreendê-lo e buscar uma nova relação com ele.</p> <p>Neste projeto, experimentaremos algumas formas de pensar o espaço e de intervir nele por meio do cinema, da literatura, da música, do audiovisual entre outras linguagens artísticas.</p>
<b>Situação-problema</b>	<p>Por que, muitas vezes, ao utilizar um espaço, deixamos de perceber as potências poéticas que ele possui? De que modo podemos aguçar o olhar e ser capazes de propor mudanças concretas na percepção e utilização do espaço escolar?</p>
<b>Objetivos de aprendizagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentivar e exercitar a produção do cinema e do audiovisual;</li> <li>• Interpretar e desenvolver noções envolvidas na linguagem audiovisual, da música, da literatura, focalizando as mediações que essas linguagens operam entre a realidade e o espectador;</li> <li>• Oferecer aos alunos o contato com a linguagem do cinema.</li> </ul>
<b>Conteúdos &amp; metodologia</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Noções sobre as etapas de pré-produção, produção e pós-produção audiovisual;</li> <li>2) Noções envolvidas na linguagem audiovisual, da música, da literatura, focalizando as mediações que essas linguagens operam entre a realidade e o espectador;</li> <li>3) Experiência com a pedagogia do cinema, cinema experimental, videoarte e as tecnologias.</li> <li>4) Sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos em cinema experimental;</li> <li>5) Aulas interativas sobre a história e as técnicas básicas envolvidas nas obras clássicas e contemporâneas do cinema brasileiro e mundial;</li> <li>6) Produção e exposição de vídeos sobre temas de interesse dos alunos, abordando a vida escolar e cotidiana, a ética, a sociedade, bem como a cultura brasileira, regional e mundial;</li> <li>7) Oficinas desenvolvidas baseadas nos conteúdos, trabalhando de forma lúdica.</li> </ol>
<b>Temas contemporâneos transversais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ciência e tecnologia</li> <li>• Multiculturalismo</li> </ul>
<b>Cronograma e etapas</b>	
<b>Etapa 1</b>	<p><b>A ARTE INTERVINDO NOS ESPAÇOS DO MUNDO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolher um espaço e mapeá-lo, a fim de explorar as possibilidades de intervenção oferecidas por ele.</li> <li>• Perceber que a intervenção artística rearticula os significados e os usos poéticos do espaço para a comunidade para potencializar a dimensão estética nos espaços.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir pequenas curtas para desenvolver as noções teórico-metodológicas da produção audiovisual, da literatura e da música.</li> </ul>
Etapa 2	<p>LUZ, CÂMERA, AÇÃO! AS CENAS VIRAM FILMES</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudar técnicas de registro visual e sonoro e colocá-las em prática nas sessões de planejamento do roteiro e gravação.</li> </ul>
Etapa 3	<p>PRODUTO FINAL: INTERVENÇÃO ARTÍSTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Editar e montar os filmes utilizando softwares ou aplicativos de celular específicos.</li> <li>• Traçar o plano de lançamento e divulgação, na qual os materiais criados ao longo das etapas serão compartilhados com a comunidade escolar.</li> </ul>
Etapa 4	<p>AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar avaliação coletiva do projeto e do grupo e autoavaliação.</li> </ul>
<b>Competências gerais da BNCC</b>	
<p>1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> <p>7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.</p>	
<b>Habilidades da BNCC</b>	
<p>(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.</p> <p>(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.</p> <p>(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.</p> <p>(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.</p> <p>(EM13LGG302) Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.</p> <p>(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.</p> <p>(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.</p>	
<b>Referências</b>	
<p>MOSCHKOVICH, D. [et al.]. <b>Moderna em projetos: linguagens e suas tecnologias</b>. 1. ed. — São Paulo: Moderna, 2020.</p> <p>FRESQUET, A. (org.). <b>Cinema e educação: a Lei 13.006, Reflexões, perspectivas e propostas</b>. Universo Produção. Prefixo editorial: 65412. Número ISBN: 978-85-65412-08-7. Tipo de suporte: Internet.</p> <p>FRESQUET, A. (org.). <b>Imagens do desaprender</b>. Uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro: Booklink /CINEAD- LISE-FE-UFRJ, 2007.</p>	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Destaca-se que a eletiva é uma componente temática que está inserida na parte diversificada do “novo” ensino médio, norteadas pela Base Nacional Comum Curricular –

BNCC (BRASIL, 2018). Sendo ofertada apenas para turmas da primeira série de forma semestral, no qual os alunos escolhem duas eletivas para cursar, uma durante o primeiro semestre e outra no segundo semestre (ACRE, 2022).

#### 4.2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A eletiva foi aplicada no ano de 2021 pela primeira vez, no contexto de retorno às aulas presenciais, devido à pandemia da Covid-19, ainda num sistema híbrido de ensino. Nesta primeira aplicação, a eletiva foi cursada por 21 alunos da 1ª série do ensino médio no segundo semestre de 2021. No primeiro semestre de 2022, a eletiva foi ministrada novamente, porém já no cenário de aulas presenciais, porém com algumas restrições sanitárias de saúde. Esta segunda oferta do componente curricular eletiva envolveu 30 alunos no turno da manhã e 40 alunos no turno da tarde.

Apresentam-se aqui as obras produzidas pelos alunos que participaram das duas edições da eletiva em que ela foi ofertada, conforme indicados no Quadro 2. Diferenciam-se aqui as primeiras e últimas obras como construção coletiva de pequenas produções audiovisuais com foco em elementos como as sombras, reflexos, as transparências, as cores e os sons, como trabalhos de experimentação e invenção. Trabalhos que possibilitaram a criatividade como base para o uso dos elementos citados acima, como proposta de ressignificar os espaços da escola e do cotidiano dos(as) estudantes.

Enquanto as obras que têm por título “Minuto (...)” representam produções solo ou em dupla, com foco em “transver” a realidade da pandemia e as transformações que o contexto de restrições sanitárias impôs ao cotidiano escolar. As montagens tiveram como inspiração as primeiras produções filmadas pelos irmãos Lumière, na perspectiva de captar os movimentos da realidade, transformações dos espaços da escola e todas as implicações que a pandemia resultou.

**Quadro 2.** Produções dos alunos da eletiva “Olhares em Foco”, ofertada aos estudantes de Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco/Acre.

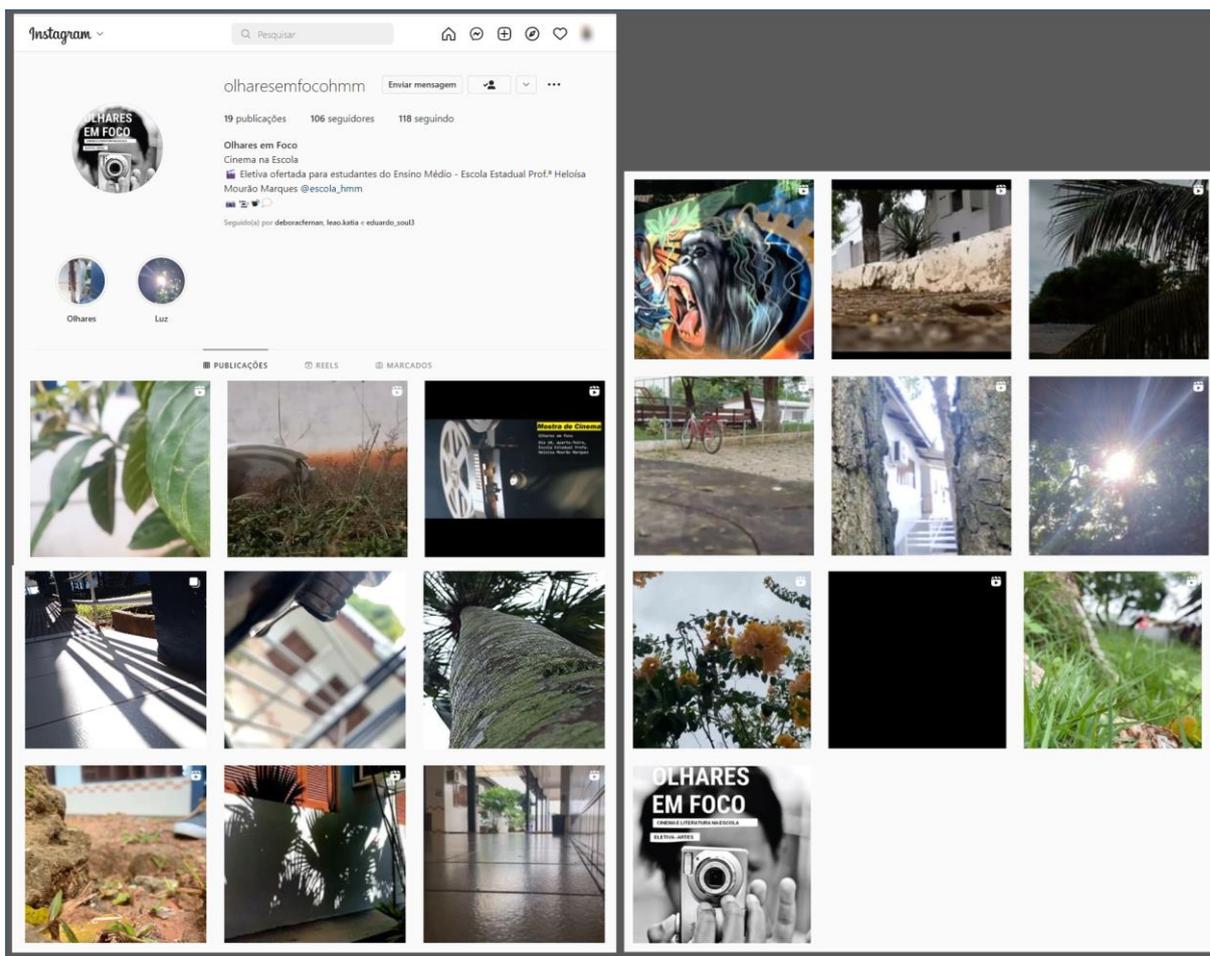
Obras produzidas pelos estudantes	Link da Obra
“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (Manoel de Barros)	<a href="https://www.instagram.com/p/CX_17uaBOBw/">https://www.instagram.com/p/CX_17uaBOBw/</a>
“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei” (Manoel de Barros)	<a href="https://www.instagram.com/p/CYR_6HRheI0/">https://www.instagram.com/p/CYR_6HRheI0/</a>
“As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas” (Manoel de Barros)	<a href="https://www.instagram.com/p/CYjjlLwBBmN/">https://www.instagram.com/p/CYjjlLwBBmN/</a>
“Minuto Jhennifer”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY1g-dPBRT0/">https://www.instagram.com/p/CY1g-dPBRT0/</a>

“Minuto Yasmim”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY1yfl1hrYy/">https://www.instagram.com/p/CY1yfl1hrYy/</a>
“Minuto Geovana”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY4BeX9hxr/">https://www.instagram.com/p/CY4BeX9hxr/</a>
“Minuto Ana Clara”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY4VwYfBhCy/">https://www.instagram.com/p/CY4VwYfBhCy/</a>
“Minuto Pedro Hiago”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY6dQ0qh2rk/">https://www.instagram.com/p/CY6dQ0qh2rk/</a>
“Minuto Hyara”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY6wEIXB_UG/">https://www.instagram.com/p/CY6wEIXB_UG/</a>
“Minuto Pablo”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY65SSOBQHy/">https://www.instagram.com/p/CY65SSOBQHy/</a>
“Minuto Maíza & Kauan”	<a href="https://www.instagram.com/p/CY9IRYNhs0j/">https://www.instagram.com/p/CY9IRYNhs0j/</a>
“Lugares, histórias, vivências... Olhares sobre os espaços de vivências, de produção cultural e artística da/na escola.”	<a href="https://www.instagram.com/p/ChC5w_YFQ-Q/">https://www.instagram.com/p/ChC5w_YFQ-Q/</a>
“Olhares sobre a poética dos espaços, dos momentos, do acaso...”	<a href="https://www.instagram.com/p/ChC8yeMLpTm/">https://www.instagram.com/p/ChC8yeMLpTm/</a>
“Dinâmica dos detalhes...”	<a href="https://www.instagram.com/p/ChC9IHGI2FF/">https://www.instagram.com/p/ChC9IHGI2FF/</a>
“Sombras, reflexos e possibilidades outras...”	<a href="https://www.instagram.com/p/ChC-jw1rchU/">https://www.instagram.com/p/ChC-jw1rchU/</a>
“Imagem, som e sentidos”	<a href="https://www.instagram.com/p/CiqCN6gppVm/">https://www.instagram.com/p/CiqCN6gppVm/</a>
“Reflexos, cores e sombras”	<a href="https://www.instagram.com/p/CiqDAK4J6Jh/">https://www.instagram.com/p/CiqDAK4J6Jh/</a>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Destaca-se aqui, que para facilitar a divulgação das produções dos alunos, foi criado um perfil no *Instagram* com o nome *@olharesemfocohmm* (Figura 1). A divulgação dos trabalhos dos alunos e alunas na rede social representou uma ferramenta para estabelecer um diálogo com a comunidade escolar e local, bem como para promover a valorização e reconhecimento dos trabalhos desenvolvidos pelos(as) estudantes.

**Figura 1.** *Instagram @olharesemfocohmm* para divulgação das produções dos alunos



Fonte: <https://www.instagram.com/olharesemfocohmm/>

Além disso, destacam-se alguns temas que vieram à tona durante as aulas da eletiva na primeira vez em que ela foi ofertada, a saber, a questão de problematizar o uso dos espaços da escola em um período em que a pandemia estava no ápice, com o registro de muitos casos e morte pela Covid-19. Na ocasião, a escola estava em um sistema de alternância na frequência dos(as) estudantes, ou seja, eram separados pelo revezamento pelo número da chamada. Sendo assim, a frequência na escola era uma semana com aulas para os números pares e outra semana com aulas para os números ímpares na chamada.

Nesse sentido, durante a eletiva refletimos sobre a sociedade da informação, entendendo sobre necessidade da apropriação contínua de conhecimentos que permitem acessar, selecionar, processar, analisar e utilizar dados, de forma crítica, sobre os mais diferentes assuntos, seja para compreender e intervir na sua realidade, ou para lidar de forma reflexiva e propositiva.

Nesse sentido, nossa relação com a escola diante do contexto pandêmico, nos convidou a refletir sobre esse espaço escolar, de múltiplas dimensões, para poder compreendê-lo e buscar

uma nova relação com ele. Nesta eletiva, experimentamos algumas formas de pensar o espaço e de intervir nele por meio da linguagem do cinema.

Já durante o primeiro semestre de 2022, a eletiva teve a participação de mais alunos(as), este aumento de alunos cursistas se relacionou diretamente a situação de retorno às aulas totalmente presenciais, pós-período pandêmico com a flexibilização das medidas sanitárias, o fim do isolamento social e do uso de máscara no estado do Acre. Além disso, as produções construídas pelos estudantes na primeira vez que a eletiva foi ofertada podem ter influenciado mais alunos a optarem por cursar a eletiva de artes na segunda vez em que ela foi ofertada.

Denota-se, portanto, que a eletiva em si durante as suas duas edições, obteve bons resultados, na perspectiva de alcançar, além da apropriação técnica da linguagem cinematográfica, a reflexão, a crítica, a análise da realidade. Analisamos pequenos filmes em curta-metragem, documentários e curtas de animação que nos ajudaram a ampliar nossa aprendizagem e experiências com os elementos cinematográficos.

Dentre os filmes que analisamos em aula, podemos destacar o documentário em curta-metragem *Dias no Aterro*<sup>3</sup>, do diretor e fotógrafo acreano Dhércules Pinheiro. Documentário que retrata a realidade cotidiana dos catadores e catadoras de lixo de um aterro sanitário em Rio Branco, capital do estado do Acre. O diretor vivenciou, durante um ano, a rotina dos trabalhadores e trabalhadoras do lixo, rotina que por vezes é esquecida pelas pessoas. Trabalho que nos balizou na aprendizagem da fotografia e seus elementos.

Analisamos também o filme em curta-metragem *Correria*<sup>4</sup>, do cineasta e diretor acreano Silvio Margarido, que conta a história da exploração da borracha pelo viés dos excluídos e silenciados desse processo de colonização. Refletimos, a partir da desmistificação da exploração da borracha, sobre como foi o processo de exploração dos povos indígenas, o extermínio de populações indígenas e a dominação dos seringalistas e seringueiros sobre o território. Mas, sempre mostrando a perspectiva de resistência dos povos da floresta. O filme nos ajudou a entender e ter outro olhar sobre a história do Acre.

Além dessas análises, examinamos muitos trechos de filmes e animações em longa-metragem, na perspectiva de visualizar elementos cinematográficos como o plano sequência, a técnica de *stop motion* e a produção de trilhas sonoras. Esse processo de aprendizagem tornou-se de extrema importância, pois, como destaca Duarte e Alegria (2008, p 75), “não basta ver bons filmes, é preciso aprender também a analisá-los”.

---

<sup>3</sup> Filme lançado na primeira noite do Fórum Áudio Visual Amazônia das Artes, em 2021. Link da exibição: <https://www.youtube.com/watch?v=vHWGuiZFS40>.

<sup>4</sup> Filme lançado em 30 de junho de 2021. Link da exibição: <https://www.youtube.com/watch?v=BvgUpQ3bCa8>.

Por fim, vale destacar que a prática pedagógica do cinema, corroborando com o estudo de Sousa (2017), pode possibilitar que a escola e os seus processos formativos, contribua na formação outros olhares, outros leitores de suas realidades, e que podem ir além do que meros espectadores ou espectadoras, mas formar-se críticos no processo de criação na sua produção.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos diálogos, reflexões e relato de experiência sobre o ensino pedagógico da linguagem do cinema, consideramos a problemática central deste estudo: Qual o papel pedagógico do cinema na escola e seus atravessamentos nas práticas culturais e artísticas? Podemos tecer algumas observações.

O papel pedagógico do cinema, como uma linguagem, evidentemente, torna-se técnico pela abrangência tecnológica que o cinema contemporâneo pressupõe. Ou seja, é fato que as tecnologias de comunicação, visuais e cinematográficas, estão inseridas no cotidiano das pessoas pelas contribuições das redes sociais e pelos avançados aplicativos de *smartphones*. Além da escola também ser responsável pela equidade no trato com as tecnologias no chão da escola.

Entretanto, o papel pedagógico do cinema na escola pode ir além dos aparatos técnicos, pode ir além de um interlocutor de conteúdo. Consideramos que o perigo está em tornar a linguagem do cinema uma ferramenta de transmissão de conteúdos, por vezes tomando e amplificando essa tendência. Paulo Freire já nos alertava sobre essa tendência bancária da educação em sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

Por fim, destacamos que é possível considerar a linguagem do cinema como uma ferramenta que destaca as dimensões estéticas das obras, os atravessamentos culturais e artísticos como construção criativa e reflexiva na escola de educação básica, em particular dentro da eletiva proposta e aplicada para alunos da primeira série do “novo” ensino médio, conforme relatado no presente trabalho. Tendo como ponto de partida a linguagem, que traz os traços culturais e seus atravessamentos, produzida por sujeitos, na perspectiva de se formarem emancipados e humanos.

## REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes. **Currículo de referência único do Acre – Ensino Médio** – Educação de excelência para todos. 2022.

ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. — Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1970.

ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Versión castellana de José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1975.

BARBOSA, João P. V; VAZ, Arnaldo. M. Análise microgenética de processos de aprendizagem na pesquisa em educação em ciências. *In: Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*. Vol. 18, Nº. 3, 458-477, 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica. *In: Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGALA, Alain. **Hipótese-cinema**. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE/FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRESSON, Robert. **Notas sobre o cinematógrafo**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CABRERA, Julio. **O cinema pensa** – uma introdução à filosofia através dos filmes. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CELLARD, André. A análise documental. *In: POUPART, J. et al. (Orgs.) A pesquisa qualitativa*: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. **L'image-Temps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.

DOMINGUES, Glauber Resende. Sobre o ponto de escuta: possibilidade para pensar invenções com o som do cinema na sala de aula. *In: FRESQUET, A. M. (org.). Currículo de cinema para escolas de educação básica*. Rio de Janeiro: 2013.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. *In: Educação & Realidade*, 33 (1): 59-80. Jan/jun, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. — 63. Ed. — Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRESQUET, Adriana M. **Cinema e Educação**: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

FRESQUET, Adriana M. Formação de professores e atividades na escola: algumas ideias. In: FRESQUET, Adriana M. (org.). **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro: 2013b.

FRESQUET, Adriana M. O cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala. In: FRESQUET, A. M. (org.). **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro: 2013c.

FRESQUET, Adriana M. (org.). **Cinema e educação: a Lei 13.006 reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção. Disponível em: [https://www.redekino.com.br/wpcontent/uploads/2015/07/Livreto\\_Educacao10CineOP\\_WEB.pdf](https://www.redekino.com.br/wpcontent/uploads/2015/07/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf). Acesso em: 27 ago. 2021.

GABRIEL, Carmen Tereza. Currículo na educação básica: reflexões sobre uma articulação discursivas possíveis. In: FRESQUET, A. M. (org.). **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro: 2013.

KVERNBEKK, T. Seeing In Practice: a conceptual analysis. In: **Scandinavian Journal of Educational Research**. N. 44, v. 4, p. 358-370, 2000.

LEANDRO, Anita. Sobre o ponto de vista. In: FRESQUET, A. M. (org.). **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro: 2013.

LIMA, Elizabeth. M; MACEDO, Maria. Auxiliadora. B. **Escola, Currículo e Civilidade: modos de configuração da escolarização primária no Território do Acre (1903-1951)**. — 1ª ed. — Curitiba: Appris, 2019.

MARCUSE, Hebert. **The Aesthetic Dimension**. Boston Press, 1977.

MIGLIORIN, César. Cinema e escola, sob o risco da democracia. In: FRESQUET, A. M. (org.). **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro: 2013.

MONTÓN, Angel Luís Hueso. O homem e o mundo midiático no princípio de um novo século. In: NÓVOA, J; FRESSATO, S. B; FEIGELSON, K. In: **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. São Paulo: Editora da UNESP, p. 29-40, 2009.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana**. — São Paulo, Fapesp, 2000.

PEREIRA, Maria Leopoldina. Pedagogia do fragmento: uma janela para i inacabamento. In: FRESQUET, A. M. (org.). **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro: 2013.

PUCCI, Bruno. Filosofia negativa e arte: instrumentos e roupagens para se pensar a educação. In: ZUIN, Antônio. A. S; OLIVEIRA, Newton Ramos de (org.). **Ensaios Frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUSA, Vanessa de Freitas. Cinema: História, Linguagem e Ensino. In: **Mosaico**. São José do Rio Preto, v.16, n.1, p. 871-889, 2017.

ZUIN, Antônio. A. S. Seduções e Simulacros - Considerações sobre a Indústria Cultural e os Paradigmas da Resistência e da Reprodução em Educação. In: PUCCI, B (org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt.** — Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: EDUFSCAR, 1994.

*Submetido: 20/09/2022*

*Aceito: 02/06/2023*